

## PLURALIDADES INSULARES

Fiesp exhibe coleção do acervo do BID reunida fora de Washington pela primeira vez



Rember  
Yahuarcani,  
Peru,  
*Sob a chuva*,  
2021  
Foto: Divulgação

*Mais de 150 obras de artistas de 26 países integram a mostra, que propõe um panorama da diversidade de linguagens presentes na coleção do Banco Interamericano de Desenvolvimento, construída ao longo de sete décadas. A curadoria é assinada por Giancarlo Hannud e Julieta Maroni*

*Territórios, Gentes, Geometrias, Abstrações, Religiosidade, Mulheres e História da Coleção* são os sete eixos que estruturam a exposição, destacando trabalhos de artistas dos 26 países mutuários do BID. Entre nomes consagrados, figuram Tomie Ohtake (Brasil), Olga de Amaral (Colômbia), Benito Quinquela Martín (Argentina), Diego Rivera (México) e Fernando de Szyszlo (Peru). Já entre artistas de gerações mais recentes estão Kika Carvalho (Brasil), Ad Minoliti (Argentina), Rember Yahuarcani (Peru), Claudia Casarino (Paraguai) e Sheena Rose (Barbados).

*“Estamos colocando a arte do BID à disposição do grande público. São 157 obras de 26 países apresentadas, pela primeira vez, fora da sede do Banco”, afirma Ilan Goldfajn, presidente do Grupo BID. “Consideramos a arte parte fundamental do desenvolvimento, da produtividade e da prosperidade na América Latina e no Caribe. Ela cria empregos, estimula a inovação e conecta comunidades. Por isso, o Grupo BID é a única instituição multilateral com uma área dedicada a Cultura, Arte e Coleções, utilizando a criatividade para evidenciar o talento e o potencial da região”, completa.*

Com quase duas mil obras – majoritariamente da América Latina e do Caribe –, a coleção de arte do BID foi constituída ao longo de quase sete décadas, por



Kika Carvalho, Brasil, *Sem título*, 2021 Foto: Divulgação

meio de aquisições e iniciativas institucionais. Na exposição, a presença brasileira, embora inclua nomes como Victor Brecheret, aparece de forma deliberadamente pontual. O objetivo é apresentar ao público artistas e produções ainda pouco conhecidos no país. Nesse sentido, a coleção revela a construção da imagem da região ao longo do tempo e propõe um diálogo intergeracional e inter-regional. *“A mostra destaca a diversidade da América Latina e reforça que desenvolvimento também é cultura”,* afirma Paulo Skaf, presidente da Fiesp e do Sesi-SP.

#### **CURADORIA**

*“Nas primeiras décadas, a coleção concentrou-se so-*



Charles Jean-Pierre, Haiti, *Com o fogo no alto*, 2020  
Foto: Divulgação

*bretudo em mestres modernos que desempenharam papel decisivo na formação das tradições artísticas nacionais dos países membros. Com o tempo, esse olhar se ampliou para incluir artistas emergentes e fortalecer a representação de diferentes países e comunidades da América Latina e do Caribe”, explica Julieta Maroni, curadora responsável pela coleção no BID. “Hoje, o acervo busca refletir tanto os legados artísticos quanto o dinamismo da produção contemporânea.”*

Para Giancarlo Hannud, curador convidado a conceber o recorte apresentado em São Paulo em diálogo com Maroni, o ponto de partida foi observar como diferentes artistas latino-americanos se fazem presentes na coleção. A curadoria evita fixar definições rígidas: em vez de organizar as obras por país ou período, o que poderia sugerir uma coerência territorial artificial, propõe uma leitura fragmentada, assumindo as discontinuidades como constitutivas da



Leticia Banegas, Honduras, *Eu sou futuro*, 2020  
Foto: Divulgação

região. “São pequenas ilhas na América dita latina, que muitas vezes não se comunicam, mas coexistem”, afirma Hannud.

A metáfora do arquipélago também aponta para outra dimensão: dentro de cada país há múltiplas “ilhas”. Não existe uma única produção argentina, colombiana ou haitiana, assim como não há uma forma única de ser latino-americano. Ao observar o conjunto do acervo, emerge não uma narrativa coesa, mas uma constelação de histórias, territórios imaginados, gestos artísticos e sensibilidades diversas.

### **RECORRÊNCIAS DO ACERVO**

Entre as recorrências do acervo estão retratos e imagens que contribuíram para a construção da memória visual de processos históricos no continente; as linguagens geométricas e abstratas que ganharam força no pós-guerra; a presença expressiva de mulheres artistas;

e um conjunto de obras que dialoga com religiosidades e cosmologias diversas.

A geometria e a abstração ocupam um lugar de destaque no percurso. Associadas, em diferentes momentos, à ideia de universalidade e à utopia de uma linguagem capaz de transpor fronteiras, essas vertentes assumem inflexões próprias no contexto latino-americano. “Quando a geometria moderna chega à América do Sul, cada artista imprime um sotaque distinto”, observa Hannud. O resultado é uma sucessão de traduções locais que desafiam qualquer noção de unidade estilística.

Outro núcleo reúne obras que evocam narrativas religiosas, símbolos populares e universos fabulatórios. Sem recorrer ao exotismo, a curadoria evidencia como a imaginação de realidades alternativas se manifesta de formas diversas. Bandeiras vodú, esculturas sacras, imagens simbólicas e personagens históricos reinventados apontam para experiências que dialogam entre si, ainda que marcadas por contextos distintos.

A presença de mulheres artistas constitui um dos eixos centrais da exposição, em diálogo com debates contemporâneos sobre revisão historiográfica e com mudanças recentes na própria coleção. Segundo Julieta Maroni, esse movimento acompanha transformações mais amplas no campo das coleções de arte ao longo do século XX. “Assim como em muitas coleções formadas nesse período, as primeiras aquisições refletem padrões predominantes do sistema artístico”, afirma. “Com o tempo, buscamos ampliar esse panorama, incorporando artistas cujas práticas são fundamentais para compreender a história artística da América Latina e do Caribe.”

## CULTURA E DESENVOLVIMENTO

Longe de propor uma síntese definitiva, *Pluralidades Insulares: arte latino-americana e caribenha no acervo do BID* convida o público a habitar um território em que as categorias tradicionais perdem nitidez. O que se compartilha, sugere a mostra, talvez não seja uma língua, uma geografia ou uma narrativa comum, mas um modo de estar no mundo em constante reinvenção.

No plano institucional, a coleção do BID expressa uma dimensão cultural da missão do banco na região. “Enquanto o BID trabalha para melhorar a vida de milhões de pessoas, a coleção oferece uma plataforma complementar para evidenciar a capacidade criativa de nossas sociedades”, afirma Maroni. Segundo ela, a arte torna visíveis as dimensões humanas do desenvolvimento:



Karen Miranda, Equador, *Oferenda equatoriana no páramo* (da série *Na boca do jaguar da montanha, todos são beija-flores*), 2020 — Foto: Divulgação



April Bey, Bahamas, *O DJ é gay, meu amor (verde e ouro)*, 2020

Foto: Divulgação

*“Ela reflete transformações urbanas, mudanças sociais e aspirações em constante evolução. Assim como a coleção, a mostra reforça que desenvolvimento não se limita à infraestrutura ou às finanças: envolve também pessoas e vitalidade cultural.”*

O Grupo Banco Interamericano de Desenvolvimento (Grupo BID) é a principal fonte de financiamento e conhecimento para a melhoria de vidas na América Latina e no Caribe. É composto pelo *BID*, que atua com o setor público; pelo *BID Invest*, voltado ao setor privado; e pelo *BID Lab*, dedicado à promoção da inovação e do empreendedorismo.

### SERVIÇO

***Pluralidades Insulares: arte latino-americana e caribenha no acervo do BID***

Até 5 de julho



Diego Masi, Uruguai, *Ascendente geométrico*, 2002

Foto: Divulgação

Galeria de Arte do Centro Cultural Fiesp

Avenida Paulista, 1313 (em frente à estação de metrô Trianon-Masp), São Paulo / SP

*Dias/Horários:* terça a domingo, 10h às 20h

Entrada gratuita, não é necessário fazer reserva para conhecer a exposição

Agendamentos de grupos e escolas:

[ccfagendamentos@sesisp.org.br](mailto:ccfagendamentos@sesisp.org.br)



Ana Elena Garuz, Panamá, *Natureza-morta ascendente*, 2020

Foto: Divulgação